

Quem #SomosTodos? Reflexões sobre memória e identidade em uma hashtag

DEBORAH PEREIRA ¹

RESUMO

Este artigo propõe pensar como opera a hashtag #SomosTodos (exemplos: Somos Todos Amarildo, Somos Todos Maju, Somos Todos Brasil etc.) a partir da noção de memória metálica (ORLANDI, 1996) e noções de identidade propostas pelos sociólogos Bauman (2005) e Hall (2001). A proposta é refletir sobre o modo como os processos identitários – concebidos aqui como cada vez mais cambiantes e móveis – atuam dentro da discursividade digital e produzem efeitos no funcionamento das hashtags que, por sua inscrição na memória metálica, estão na ordem da quantidade, do reprodutível. O modo de (se) significar na história e as filiações dos sujeitos neste espaço digital marcado pelo metálico também é discutido neste trabalho.

Palavras-chave: hashtags; memória metálica; identidade; análise do discurso digital.

ABSTRACT

This article intends to study the hashtag #SomosTodos (or “we are all” – for example: Somos Todos Amarildo, Somos Todos Maju etc.) based on the concept of metallic memory (ORLANDI, 1996) and concepts of identity proposed by the sociologists Bauman (2005) and Hall (2001). The purpose is to reflect about how the identitarian processes act on digital discursivity and produce effects over the operation of hashtags which, by their inscription in metallic memory, are inserted in a reproductibility logic. This article also discusses the ways of making sense in history and the subjects filiations in digital space marked by the metallic.

Keywords: hashtags; metallic; memory; identity; digital discourse.

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural pelo Laboratório de Estudos Urbanos da UNICAMP (Labeurb/Unicamp).

1. Introdução

O digital já é constitutivo de nosso cotidiano, de nossas práticas enquanto sujeitos. Ele permeia nossos modos de ser no mundo e nossas relações com o(s) outro(s), permitindo, de acordo com Chiaretti (2016, p. 34), que os mais diversos pesquisadores o vejam como desencadeador de novas formas de subjetivação.

Dias (2011, p. 23) aponta que estamos, em todos os lugares,

afetados pela discursividade do eletrônico. Ela não está nos objetos, na relação entre eles, ou no acesso a eles, nem mesmo no acesso à internet. Está no processo histórico e ideológico de significação da nossa sociedade contemporânea, do modo como estamos nela, como significamos os espaços e somos por eles significados, do modo como somos individuados pelo Estado na forma do discurso da tecnologia. (DIAS, 2011, p. 23)

A discursividade digital, portanto, já é estruturante do nosso modo de significar. Mesmo sujeitos que não se utilizam de aparelhos eletrônicos, ou não têm acesso, são atravessados pelo mundo significado digitalmente.

Se pensarmos nas grandes manifestações de rua que marcaram o início dos anos 2010, como a Primavera Árabe (2011) ou as Manifestações de Junho no Brasil (2013), rapidamente somos levados às redes sociais, que foram o grande meio de organização desses movimentos. Elas funcionavam como lugar de divulgação do que acontecia nas ruas e como espaço de mobilização e promoção de palavras de ordem, *posts* ou *hashtags* relacionados às manifestações. Houve um batimento entre rede e rua, urbano e digital nessas manifestações.

E, justamente, tomando o espaço urbano como “espaço simbólico trabalhado em/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes” (ORLANDI, 2001, p. 186), podemos concebê-lo ressignificado pelos instrumentos tecnológicos (DIAS, 2011, p. 14), sendo agora marcado pelas relações dos sujeitos atravessadas pelo digital. O eletrônico, segundo Dias (*idem*), “significa o social na ordem do discurso urbano”.

Considerando o modo como a discursividade digital nos afeta e já é decisiva para as nossas formas de significar, este artigo propõe refletir sobre os usos da *hashtag* #SomosTodos. Em seus primeiros usos, eram criadas apenas para promoção de manifestações em relação a algo ou alguém que sofreu uma injustiça social (temos #SomosTodosAmarildo, #SomosTodosMaju, #SomosTodos-Professores etc.). Embora tenham um teor completamente diferente das Manifestações de Junho de 2013, por exemplo, já que não havia nem o convite ‘hashtageado’ (como em #vempruarua) para ida às ruas e nem o estímulo para a ocupação em massa das principais vias da cidade, é possível dizer que essa manifestação, utilizando-se das palavras “Somos Todos”, saiu do espaço do “clicável”, surgindo também na TV, em shows, em estampas de camisetas, em pequenos protestos nas ruas etc.

Em um segundo momento, seu uso estendeu-se para campanhas de torcidas a candidatos de *Reality Shows* ou campanhas publicitárias (como nas Olimpíadas de 2016 com o “Somos Todos Brasil” e “Somos Todos Olímpicos”). O sentido anteriormente atribuído apenas a algo que gerasse comoção por alguma situação injusta abre-se e funciona em outros lugares.

Ainda assim, nos dois momentos o verbo ser é determinante da formulação, acredita-se ser algo ou alguém, mais que apoiar ou torcer, também *somos*. Ademais, por constituírem-se como *hashtags* já que são acompanhadas pelo símbolo cerquilha (#), tais formulações (em sua esmagadora maioria) podem inscrever-se em uma memória metálica (ORLANDI, 1996) – a memória da máquina, da quantidade e não da historicidade. Deste modo, a partir da #Somos-Todos, este trabalho tenta (1) refletir sobre o funcionamento dessa *hashtag* na relação como a noção de memória metálica e (2) entender como se dão as relações de identidade nas redes sociais, como os sujeitos se (des)identificam ao compartilhar *hashtags*.

2. Inscrição de #SomosTodos na memória metálica

Eni Orlandi (2006) distingue três noções de memória: a memória discursiva, a de arquivo e a metálica. Reportando-se a Pêcheux e Courtine, Orlandi (2006) afirma que a memória discursiva ou interdiscurso (M. PÊCHEUX, 1975, J-J. COURTINE, 1981) é a que se dá pelo esquecimento, na qual “fala uma voz sem nome” que dá possibilidade ao dizer. O sujeito, portanto, não é origem do que diz, tudo é um já-dito em outros lugares uma vez que, para que as palavras tenham sentido, há a necessidade de que elas já façam sentido (efeito do interdiscurso). Já a memória de arquivo (ou institucional) é justamente a que não esquece, ou seja, a das instituições, que a praticam normatizando o processo de significação, “sustentando-o em uma textualidade documental, contribuindo na individualização dos sujeitos pelo Estado” (Orlandi, 2006, p.5).

Por fim, a memória metálica é a produzida pela mídia, pelas novas tecnologias. É a memória da máquina, da circulação e

não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador etc.). Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai-se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma. Quantidade e não historicidade (ORLANDI, 2006, p. 5).

Pensaremos, portanto, a *hashtag* aqui colocada à luz da noção de memória metálica (não descartando, também, sua inscrição na memória discursiva) buscando compreender melhor seu funcionamento no meio digital.

#SomosTodos(...), por ter um uso notável, por seu “recompartilhamento” em torno da mesma fórmula que convida cada vez mais à colaboração, ao uso, ao clique, vai crescendo, juntando-se em torno de muitos que se almeja ser (Amarildo, Maju, Brasil...), formando, justamente, essa “rede de filiação” por meio da possibilidade de circulação e acesso pela máquina, na qual o mesmo é atualizado no intradiscurso. A *hashtag*, portanto, é uma

(...) repetição horizontal, uma re-atualização constante do sentido, presentificando a história no imediatismo da circulação, do “tempo real”. A *hashtag* tem o sentido da quantidade, sendo, portanto, inscrita na memória metálica, para significar (DIAS, C. et. al, 2014, p. 204 apud DIAS; COELHO, 2014, p. 236).

Desse modo, cabe trazer os três momentos de produção de sentido formulados por Orlandi (2001) – constituição, formulação e circulação:

- 1) sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
- 2) sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e;
- 3) sua circulação, que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições (ORLANDI, 2001 p. 09).

Dias (s.d.) insere a memória metálica na instância da circulação já que, nas redes, quanto mais atualizações um sujeito disponibilizar em seu perfil, maior a visibilidade, uma vez que a circulação aumentará. Mais que a filiação do sujeito em uma rede de constituição de sentidos, neste caso, “o ponto de partida para a construção dos sentidos” se envolve pela e na atualização e circulação. O nível da constituição fica em quase segundo plano pela memória metálica – o que não quer dizer, como salienta Dias (*idem*), que o sentido não está, também, afetado e atravessado por já-ditos e pela ideologia.

Por estar inscrita neste funcionamento no qual prevalece a produção pela quantidade, o esvaziamento do dizer e a “submissão a uma existência técnica, replicável no próprio eixo da formulação” (DIAS, *idem*), #somostodos, em seus mais variados usos, pode cair no esvaziamento do sentido engajado por conta do excesso, da saturação (ao mesmo tempo em que se significa por este lugar do replicável). Dias (2015), ao parafrasear Pêcheux (1999), coloca a memória metálica como “memória sem profundidade” e é possível, assim, tomar os efeitos do enunciado em análise como presos à sua superfície, já que retorna sempre ao intradiscurso, em si. Talvez, por conta desse funcionamento oco, #somostodos – ou seja, o dizer, no plural, de que se é algo/alguém - seja tão disseminado, clicado e utilizado em campanhas de diversos tipos, justamente pelo conforto de seu retorno estruturante ao mesmo.

3. Reflexões sobre identidade

Como já dito na sessão anterior, a *hashtag* SomosTodos(...) nos traz uma relação forte com o que se é, compreendendo em sua estrutura o próprio verbo *ser* conjugado no plural. Este plural e o uso de “todos” sugere, também a quem está lendo, que se identifique, que seja e se reconheça na causa. Aliada ao funcionamento das *hashtags*, essa identificação se cristaliza e se re-atualiza na memória metálica pelo gesto de convidar ao clique e ao compartilhamento, ao próprio dizer do mesmo. Diante disto, é oportuno pensar as relações de identidade em relação ao enunciado e ao seu funcionamento enquanto *hashtag* dentro de uma rede social.

Hall (2001) coloca a identidade como uma “celebração móvel”, ou seja, formada e transformada de maneira contínua em relação “às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2001, p. 13). Para o autor, o processo de construção de identidades é complexo, múltiplo e móvel, efetivado por meio de uma dinâmica intersubjetiva de constituição de sentidos que é marcada por contradições, identificação e alteridade. Assim, Hall (2001) salienta que fundamentalmente esse processo rompe com a concepção de identidade única ou fixa, mas se apresenta trazendo a oportunidade de se falar em identidades (no plural), em “pontos de identificação que proporcionam aos homens sentimentos de pertencimento dentro da rede simbólica em que estão inseridos” (HALL, 2001, p. 12) ou seja, as identidades são cambiantes, estão em movimento, sendo a construção identitária, como afirma Bauman (2005, p. 91), uma “experimentação infundável”.

Ainda de acordo com Bauman (ibidem, p. 30), somos consumidores de identidades e a “descartabilidade”, colocada pelo autor como um dos frutos da globalização, permite que surjam, a todo momento, novas identidades através de grupos virtuais que criam um “sentimento de nós”, um pertencimento. Neste sentido, as *hashtags* não se caracterizam como grupos, mas, como reúnem postagens atribuídas a um mesmo assunto (ou assunto semelhante) e, principalmente a aqui analisada, apresentam um modo de fazer campanha em apoio a algo/alguém mediante evidente identificação materializada pela presença do verbo *ser* em sua estrutura, pode-se dizer que as *hashtags* despertam o “sentimento de nós”. A partir do momento em que se utiliza uma *hashtag* nas redes sociais, o que foi dito a seu respeito e o perfil de quem a compartilhou ficam disponíveis e organizados em conjunto com suas outras utilizações, formando o “pertencimento” e um agrupamento de sujeitos unidos por compartilharem (d)aquela opinião ou *hashtag*.

Dias e Couto (2011), ao pensar nas redes sociais na relação com o sujeito de conhecimento, colocam a identidade sempre no movimento com a alteridade, atrelada ao outro, já que “ não é possível pensar o eu sem pensar o outro que o constitui, não é possível pensar o mesmo sem

pensar a diferença que o habita” (DIAS E COUTO, 2011, p. 640) e isso faz com que o sujeito se volte para ele mesmo, para aquilo que o constitui. A identidade, conforme as autoras, também não se define como fixa, mas como um “movimento na história”:

São as identificações do sujeito que vão constituindo-o na relação de alteridade e que vão dando pistas de sua posição no mundo. O falar de si constitui um movimento de alteridade, uma alteridade de diferença e uma alteridade de relação, conforme propõe Labarrière (1983). Uma vez que a alteridade de diferença vem a ser vivida como alteridade de relação, dá-se o movimento de liberdade, pois o sujeito formula, mediante a produção do sentido, o discurso que o constitui. (DIAS; COUTO, 2011, p. 640).

Ou seja, mesmo nesse lugar atravessado pela memória metálica (redes sociais), no qual as relações de identidade estão marcadas pelo caráter móvel, múltiplo e descartável, há história. Ao compartilhar um #SomosTodos, ou qualquer outra *hashtag*, o sujeito se significa e por essa identificação com o grupo que compartilha o mesmo, ou com algo ou alguém que se deseja ser, marca sua filiação e o discurso que o constitui. Não importando quantos se será ou quantos já se é, o fio da história atravessa e afeta o sujeito já que, como coloca Dias (2015, p. 290) ao retomar Pêcheux (1981), “as circulações discursivas não são nunca aleatórias”.

4, Conclusão

Este breve estudo possibilitou perceber, principalmente, que a *hashtag* que se encontra no lugar do reproduzível (memória metálica) e que sustenta a produção de identidades cambiantes e descartáveis está, também, inscrita em uma memória discursiva, na história. Justamente por isso, ela significa e funciona como um meio para observar identificações e filiações de sujeitos a determinados discursos.

Por se tratar de um trabalho amplo ainda em andamento, muitas lacunas precisam ser preenchidas e pensadas, como, por exemplo, o uso ou deslocamento da *hashtag* para o espaço fora das telas (fora do ambiente clicável) e os efeitos do funcionamento metálico das *hashtags* no modo como os sujeitos filiam-se aos discursos.

5. Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005

CHIARETI, P. **Discurso, subjetividade e novas tecnologias**. In: RUA [online]. no. 22. Volume 2, p. 33 – 44.

DIAS, C. **A Tecnologia Como Condição de Produção do Conhecimento na Sociedade Contemporânea: Redes, Memória e Circulação.** In: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S. (Orgs.). *Análise do Discurso em Rede: Cultura e Mídia.* São Paulo: Pontes Editores, 2015. p. 279 – 290.

_____. **e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano.** In. DIAS, Cristiane. *E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital* [online], 2011. Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

_____. **Memória Metálica.** ENDICI – Enciclopédia Discursiva da Cidade. [s.d.] DIAS, C; COUTO, O. **As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias.** *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 631-648, set./dez. 2011

DIAS, C.; BARBAI, M. A.; COSTA, G. C. **Movimentos da contemporaneidade: a rua, as redes e seus desencontros.** In: RUA [online]. 2014, Edição Especial – ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001

ORLANDI, E. **Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi:** Entrevista. In TEIAS: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez 2006. Entrevista Concedida à Raquel Goulart Barreto.

_____. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos.** Campinas, SP: Pontes, 2001